

# O que devia ser e não é

**F**iquei calado quando alguns puristas escandalizaram - e embargaram por alguns dias - as obras da Rodoviária. Não por compreendê-los ou perdoá-los, mas simplesmente por desdém. Até profano as palavras da Paixão: "Senhor, perdoai-os, eles não sabem o que fazem..."

Sim, porque alegar alguma razão de defesa do "patrimônio histórico" ou de preservação do "espírito" do projeto do Plano Piloto de Lúcio Costa, só numa dessas três hipóteses. Ou por apego à letra e não ao espírito do dr. Lúcio (equívoco em que só incide quem não o conheceu). Ou, em segundo lugar, por absoluto desconhecimento do grau de deterioração estrutural e ambiental daquele espaço popular. Em terceiro, finalmente, por elitismo, que no caso significa desprezar os usuários, gente pobre - sim, porque as empresas de ônibus de Brasília nivelam por baixo e fazem com que só os necessitados usem transportes coletivos no Distrito Federal - e que só tem voto, jamais voz, pois a demagogia é mais forte que a representação popular autêntica.

Bem, mas isso é só começo de conversa, porque o que pretendo dizer é curto e grosso: estou apostando no que a nova

Rodoviária (cuja reabertura está prometida pela empreiteira das obras, a Paulo Octávio, para dia 20 de setembro) representará para revitalizar Brasília.

Quase escrevi "a nova Rodoviária e o Metrô". Pois escrevo agora: tenho certeza de que aquele centro deteriorado e decadente se transformará com a reforma da Rodoviária e o Metrô.

Sabem por quê?

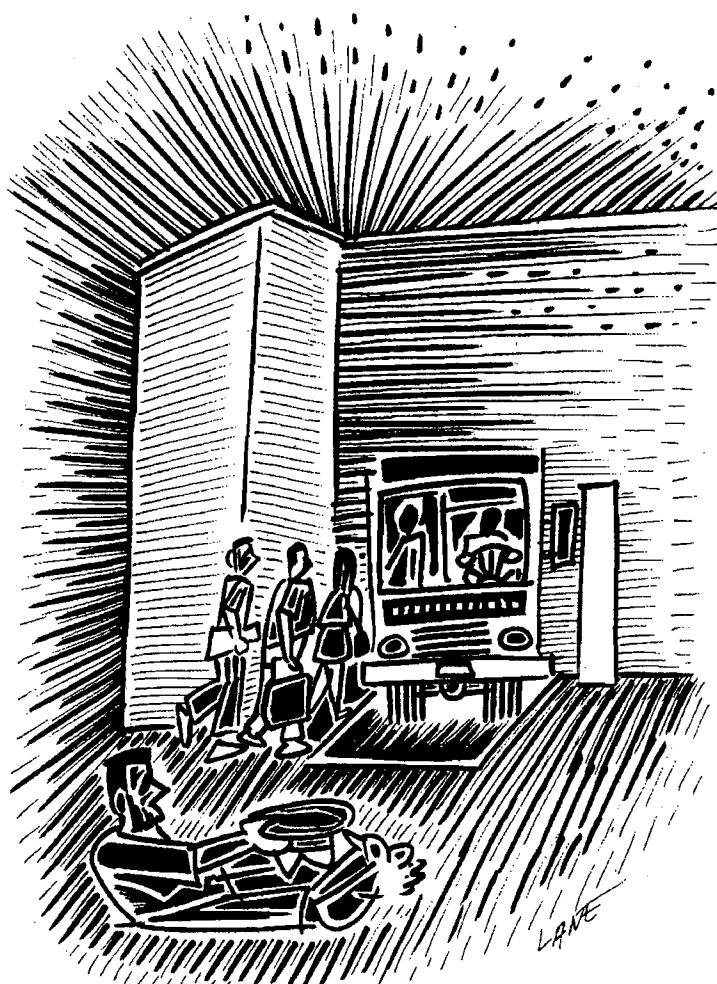
Por um detalhe quase subjetivo: o espírito central da encomenda do governador aos projetistas da reforma da Rodoviária foi dar-lhe "uma cara de aeroporto".

Que bela síntese!

Aparecerá alguém para dizer que se trata de uma utopia. Para alegar, por exemplo, que o Aeroporto tem um volume muito menos de usuários, que o preço das passagens aéreas seleciona o público, que o povo é sujo e pobre, etc etc. (Esse vezo fascista que corrompe as democracias e alimenta a sabujice medíocre desses falsos revolucionários que aplaudem o MST).

Que falem, podem falar!

Mas estarei aqui - eu e os verdadeiros cidadãos e democratas - para lembrar que - na sociedade, que queiram ou não está estabelecida o nosso



"contrato social" - os ricos podem não ter limites para sua riqueza, mas não se admite pobreza abaixo de uma linha mínima renda e acesso aos bens de consumo cultural.

Evidentemente, falo com conhecimento de causa - como todos os leitores do nosso *Jornal de Brasília*, conheço o projeto, vi as plantas, li a descrição do que será feito - mas prefiro

sonhar com a utopia de que, depois de 20 de setembro, o povo terá uma rodoviária "como se fosse um aeroporto".

Mas que significa essa metamorfose?

Sou um velho freqüentador de aeroportos (dos modernos aeroportos do mundo, habitualmente citados, só não conheço o último inaugurado, o de Hong Kong, que começou a operar há 30 dias) e posso dizer que há alguns calamitosos (como o de Miami, por exemplo, que é um lixo, como comprovei há dois meses no terminal da American Airlines), mas a regra é que sejam locais onde há serviços básicos razoáveis, segurança e limpeza.

É o que espero da Rodoviária. Que continue a pastelaria do Tião Padeiro (onde já entrei, quando cheguei em Brasília, gente como o Ari Cunha, que não sei se ainda continua indo lá, mas eu fui sempre), mas que as escadas rolantes funcionem (freqüentemente estavam quebradas e sem manutenção) e até que as escadas rolantes se multipliquem,

que haja limpeza permanente e constante (sim, gente com vassoura, rodo, pano molhado, detergente, patrulhando a sujeira) e, segurança, bastante segurança, ostensiva e secreta, para livrar o povo de punguis-

tas, descuidistas e vigaristas de todo tamanho.

Principalmente, que não haja camelôs, ambulantes, vendedores perturbando o ir e vir das pessoas. (E não se alegue que são pessoas necessitadas, porque, se os freqüentadores de aeroporto não são perturbados, porque os freqüentadores da Rodoviária devem ser perturbados?)

Que portanto haja limpeza e segurança, repressão à sujeira e à invasão de vendedores, que o povo usufrua de conforto, paz e respeito.

Na verdade, estou pedindo que, além da obra, a nova Rodoviária também ofereça ao seus usuários - nós, o povo, sem preconceitos ou discriminação de classe econômica - o tratamento que os aeroportos disponibiliza para os que o freqüentam e que se poderia resumir numa palavra: respeito ao consumidor.

(Porque os usuários de ônibus são tratados com a grosseira que se dispensam aos indigentes, consumidores compulsórios, a quem se pode fazer sofrer sem riscos e que eles se rebelem ou procurem outro fornecedor).

Que na nova Rodoviária seja diferente. Amém.

Até amanhã.